

## A PEDAGOGIA NÃO DIRETIVA NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: O CASO DA AULA LIVRE

OTÁVIO ÁVILA PEREIRA<sup>1</sup>; MARIÂNGELA DA ROSA AFONSO<sup>2</sup>;

<sup>1</sup>Universidade Federal de Pelotas – oapereira@outlook.com

<sup>2</sup>Universidade Federal de Pelotas – mrafonso.ufpel@gmail.com

### 1. INTRODUÇÃO

Pode-se dizer que o processo de ensino-aprendizagem é baseado na relação entre professor e aluno, caracterizando basicamente a existência de três modelos pedagógicos, são eles: diretivo, não diretivo e relacional. Cada um destes modelos traz consigo uma epistemologia que, em teoria, sustenta esta prática, definindo as diversas maneiras destes relacionarem-se no âmbito educacional e as teorias do conhecimento que as sustentam (BECKER, 2008).

As pedagogias diretivas traduzem um modelo empirista de relação, na qual o ambiente (professor) determinará o aluno. Esta teoria do conhecimento supõe que o aluno é uma “tábua rasa”, no qual devem ser escritos os novos saberes, cabendo ao professor tomar todas as decisões no processo a partir de uma postura de respeito e autoridade. Almeja-se o aluno passivo e dócil para melhor “introdução” dos conhecimentos.

As pedagogias não diretivas tem sua base epistemológica no inatismo. Esta teoria afirma que o indivíduo já possui o conhecimento desde o nascimento em estado “latente”, bastando apenas o contato com determinadas situações para que este venha à tona. Nessa forma de pedagogia, cabe ao professor intervir o mínimo possível, permitindo que os alunos tomem as decisões e desenvolvam-se por si. Em outras palavras, pode-se categorizar este contexto no auto-didatismo.

Ainda de acordo com BECKER (2008), as pedagogias relacionais estão embasadas por epistemologias como a de Piaget e Vygotski, que sustentam a interação entre o sujeito e o meio no qual ele está inserido. Nesse modelo pedagógico, o indivíduo é desafiado a solucionar problemas, a buscar soluções junto de seus pares com o apoio docente, de forma que possa desenvolver conhecimentos na medida em que interage, assimila e acomoda.

Figura 1 – Relação sujeito-objeto (aluno-professor) (BECKER, 2008)

EPISTEMOLOGIA		PEDAGOGIA	
Teoria	Modelo	Modelo	Teoria
Empirismo	S ← O	S ← O	Diretivismismo
Apriorismo	S → O	S → O	Não-Diretivismismo
Construtivismo	S ↔ O	S ↔ O	Ped. Relacional

No contexto das ações do professorado, tem-se percebido na Educação Física (EF) escolar certa tendência dos professores em concederem grande liberdade aos alunos através de jogos livres, caracterizados pela não intervenção docente, e de aulas livres, aquelas na qual cabe aos alunos a tomada de decisão relativa aos conteúdos e à organização para a prática. Estas ações não diretivas conhecidas pela não intervenção do professorado, definida como “jogos livres”, configuraram mais de 50% do tempo das aulas no ensino fundamental em 11 escolas públicas de Pelotas (FORTES et al., 2012). Observou-se também em Pelotas a utilização de aulas livres em pelo menos três escolas, sendo duas municipais e uma estadual (PEREIRA 2017).

Este grande nível de liberdade propiciada pelos professores traduz o extremo de um momento pelo qual a EF passou e que ainda se reflete, mesmo

que parcialmente, em algumas instituições de ensino (NETO, 2000). Durante o período em que a EF sofreu forte influência militar, o qual convencionou-se chamar de Militarista, era possível perceber a ausência de criticidade por parte dos alunos e uma grande ênfase na obediência e reprodução dos gestos ensinados pelos professores/instrutores, caracterizando uma pedagogia diretiva e tradicional, tendo como centro do processo o professor/instrutor (CASTELANNI, 1988; DARIDO, 2012).

Da mesma forma, em meados dos anos 1980, a frequente crítica ao esporte de rendimento na EF escolar, aliada a não proposição de alternativas que superassem esse contexto deu origem a uma abordagem recreacionista. Caracterizada pela não intervenção docente, esta pedagogia não diretiva limitava o papel do professor a um mero auxiliar, um fornecedor de materiais, cabendo aos alunos às decisões no processo (DARIDO, 2012).

Tais formas de ministrar aulas refletem epistemologias que permeiam estas ações, sejam elas com ênfase na reprodução ou na liberdade de ação, além de contribuir diretamente para a mudança de percepção por parte dos escolares sobre a importância e o significado atribuído à disciplina no currículo escolar bem como em sua motivação para a prática. Nesse sentido, os relatos de utilização de aulas livres com alunos dos anos finais do ensino fundamental em pelo menos três escolas de Pelotas, justificaram a pesquisa cujo objetivo foi a caracterização das aulas de EF no que diz respeito à utilização de pedagogias diretivas, não diretivas e relacionais.

## 2. METODOLOGIA

O estudo caracteriza-se por uma abordagem qualitativa com delineamento descritivo, permitindo o conhecimento e a descrição dos fenômenos estudados (GIL, 2008). Trata-se de recorte de trabalho de conclusão de curso, cuja temática interliga-se à pesquisa que está sendo desenvolvida no âmbito de pós-graduação.

O critério de seleção foi estabelecido a partir de relatos de utilização de “aulas livres” nestas três escolas durante o período de estágio curricular supervisionado dos alunos do sétimo semestre do curso de Licenciatura em EF da Escola Superior de Educação Física no ano de 2016. Adotados os procedimentos éticos necessários para a coleta de dados, selecionou-se a amostra que compreendeu 116 alunos e três professores que ministravam aula nos anos finais do ensino fundamental. O instrumento, semiestruturado contou com questões que buscaram identificar as formas de relação professor-aluno e verificar possíveis preferências em relação às pedagogias não diretivas.

## 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Figura 2 - Gráfico em % sobre as pedagogias identificadas pelos alunos

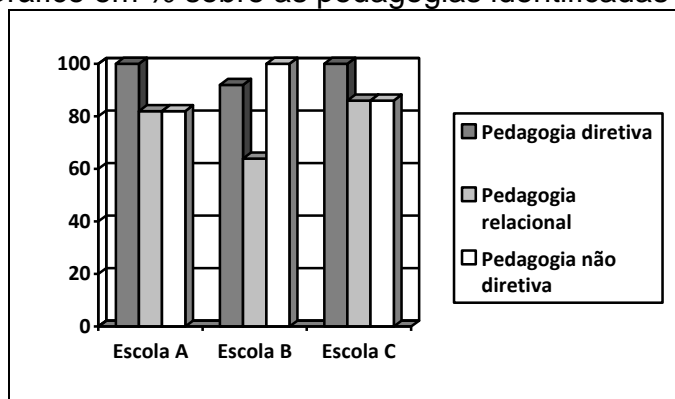


Figura 3 - Frequência de utilização das pedagogias identificada pelos alunos

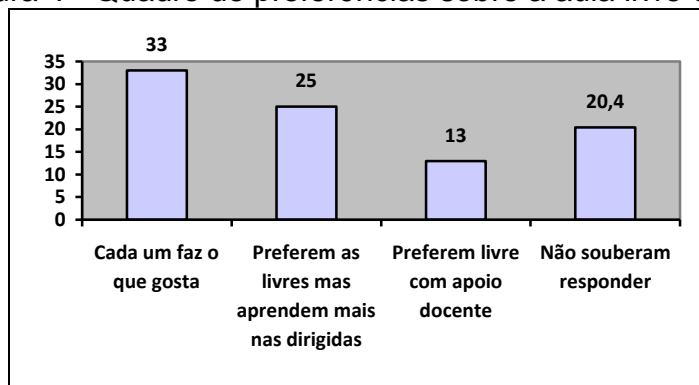
Pedagogias	Frequente	Às vezes	Raramente
Diretiva	Escola A e C	-----	Escola B
Relacional	Escola C	Escola A	Escola B
Não diretiva	Escola A e B	Escola C	-----

Corroborando as estratégias pedagógicas identificadas pelos alunos, quando questionados, os professores A e B relataram a utilização de duas formas distintas de pedagogia. Alternavam uma abordagem diretiva com outra não diretiva a cada dia de aula. Em outras palavras, em um dia tomavam as decisões referentes aos conteúdos e às formas de execução das atividades (aula dirigida) e no outro delegavam este poder de decisão aos alunos (aula livre). Já o professor C, destacou que geralmente utiliza uma pedagogia diretiva/relacional, à exceção dos dias de chuva ou após encerrar o conteúdo programático previsto, nesses casos, utiliza-se da aula livre.

As pedagogias utilizadas pelos professores refletem pressupostos epistemológicos que na maioria das vezes não são de seu conhecimento (BECKER, 2008), nesse contexto, atenta-se para o fato da utilização de diversos modelos por parte dos professores, que entram em conflito quanto às bases que os sustentam. Intervenções já realizadas com professores de EF no sentido de orientar e esclarecê-los quanto às suas práticas pedagógicas, surtiram grande efeito ao permitirem que utilizassem um modelo relacional e desfrutassem de uma melhor relação com seus alunos (NETO, 2000).

Quando questionados se possuíam algum tipo de preferência por algum modelo pedagógico, os 51 alunos que destacaram a pedagogia não diretiva (aula livre) explicitaram os seguintes aspectos:

Figura 4 - Quadro de preferências sobre a aula livre em %



Fica evidente que os alunos apesar de preferirem maior liberdade, reconhecem existir maior “aquisição” de conhecimento quando há intervenção docente, porém, ainda assim, almejam um modelo mais relacional, preferindo fazer algo que gostam com intervenções do professor. Ao planejar intervenções a partir da realidade do aluno, permite-se que ele seja reconhecido pelas suas necessidades, extrapolando a produção de conhecimentos e saberes com base nas suas experiências, permitindo que ele possa reconhecer, por exemplo, as conexões existentes entre a preferência pelo futebol com um contexto esportivo nacional que se tornou uma paixão.

CHAVES (2004) encerra este pensamento afirmando sobre as objetividades da educação:

É a busca do conhecimento não apenas estruturado na transmissão de informações de uma geração para outra. É desenvolver um procedimento pedagógico calcado na problematização e não na educação bancária, como já afirmava Paulo Freire. É assegurar a busca de um conhecimento dos fenômenos, daquilo que não se dá por revelado de imediato, e por essa razão a necessidade de ser trazido à luz[...] é buscar a objetividade científica e o ensino concreto baseando-se no pressuposto da intersubjetividade, segundo a qual os significados possuem razão significativa (2004, p. 63-64).

#### 4. CONCLUSÕES

Destaca-se a importância da realização de outros estudos abordando esta temática, de forma a compreender o contexto de utilização destas pedagogias. Não obstante, a busca pelo conhecimento no sentido de explicitar como se dão estas relações em sala de aula poderão esclarecer e nortear o professor quanto à sua prática pedagógica e epistemológica, gerando a possibilidade de um “novo” olhar sobre o aluno, reconhecendo-o como um humano, nem como objeto, nem como auto-suficiente. Assim, permitir-se-á a abertura necessária para que possam ocorrer momentos significativos e desafiadores no contexto educacional.

#### 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BECKER, F. Modelos pedagógicos e modelos epistemológicos. **Metodologia: construção de uma proposta científica**. Curitiba, Camões, p. 45-56, 2008.

CASTELLANI-FILHO, L. Educação Física no Brasil: a história que não se conta. Campinas: Papirus, 1988.

CHAVES, M. **Pedagogia do Movimento: diferentes concepções**. Maceió-AL: edufal, 2004.

DARIDO, S. C. Educação Física na escola: questões e reflexões. Araras: Topazio, 1999.

\_\_\_\_\_, S. C. Educação física na escola: realidade, aspectos legais e possibilidades. In: UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA. **Prograd. Caderno de formação: formação de professores didática geral**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2012. p. 21-33, v. 16.

FORTES, M. D. O.; AZEVEDO, M. R.; KREMER, M. M.; HALLAL, P. C. A educação física escolar na cidade de Pelotas-RS: contexto das aulas e conteúdos. **Rev. educ. Fis/UEM**, v. 23, n. 1, p. 69-78, 2012.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2008. 4 ed.

NETO, I, B. PROPOSTAS PARA O ENSINO DA EDUCAÇÃO FÍSICA. **Caderno de Educação Física e Esporte**, v. 2, n. 1, p.87-106, 2000.

PEREIRA, O, Á; **Metodologias de ensino na Educação Física Escolar: da aula dirigida à aula livre**. 2017. 61f. Trabalho de conclusão de Curso – Escola Superior de Educação Física, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2017.